

ENSAIO ETNOGRÁFICO SOBRE O UNIVERSO DE HOMENS NEGROS BALIZAS E MORES DE FANFARRA NO DESFILE CÍVICO DO 02 DE JULHO

Autor: Vinícius Santos da Silva¹
Orientador: Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior
vinicius.museu@hotmail.com

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

RESUMO:

Este ensaio faz parte do resultado avaliativo da disciplina Teoria Antropológica, ofertado às turmas iniciais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (PPGCS/UFRB), e deriva do projeto submetido à seleção no programa. Com luz nas primeiras descrições etnográficas no Desfile Cívico de 02 de Julho em São Félix/Ba e traçando os possíveis desafios metodológicos que enfrentarei no desenvolvimento desta pesquisa, o ensaio oferece uma perspectiva interseccional (CRENSHAW, 2002), na intenção de discutir as percepções de masculinidades negras e/ou expectativas do homem negro (FANON, 2008) no contexto das expressões culturais, introduzindo as noções de performances e rituais (TURNER, 1982) nas ordens regulatórias sociais. Os balizas e mores são homens, em sua maioria negros, que desempenham apresentação artística de androginia exacerbada durante ritos cívicos de rua. Tal fenômeno acontece como trocas e elaboração de teias de significados (GEERTZ, 2008), percebido através dos discursos e práticas de representação (FOUCAULT, 1996). Na conclusão, lanço mão de pretensiosas problematizações que instigam os interesses das descobertas deste campo frutífero, com categorias que envolvem performances, gênero, sexualidade, raça e civismo.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia; Performance; Balizas Negros; Gênero; Civismo

1. O DESFILE, AS FANFARRAS E OS BALIZAS E MORES

Os desfiles cívicos são expressões culturais, com caráter de celebração institucional de rua, recorrentes a comemorações de datas com relevância histórica, portanto fazem parte do calendário oficial do Estado, tendo suas realizações aguardadas a cada ano. A celebração é tradicionalmente concebida em moldes militares, inspirada no período histórico da exacerbada exaltação do ufanismo e positivismo sobre o projeto republicano de país². Através de alas e pelotões, compõem o cortejo público dos desfiles cívicos instituições escolares, forças armadas, bandas militares, entidades de segurança pública, fanfarras, bandas marciais, dentre outros.

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa Corpo, Socialização e Expressões Culturais (ECCOS/UFRB)

²Ver em CARVALHO, J. M. de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: companhia das Letras, 2004.

As fanfarras, na sua maioria programas educacionais das instituições públicas de ensino, são convidadas para se apresentarem nos desfiles cívicos. Esse processo funciona como uma espécie de “rede” entre as cidades que realizam comemorações cívicas em datas históricas importantes no Recôncavo da Bahia. Essas expressões culturais atuam com normas regulatórias bem instituídas para exibição pública das instituições oficiais do Estado, logo, também constroem normas de enquadramento às ações corpóreas dos sujeitos participantes. Estes desempenham movimentos ritmados e engendrados, transparecendo seriedade e alto grau disciplinar, lógica que reforça o imaginário da normatização de gênero masculina. É neste contexto que se apresenta a subversão desses comportamentos nas performances de homens balizas e mores de fanfarra ou bandas marciais.

Na maioria dos desfiles cívicos, os homens balizas estão localizados na linha de frente das fanfarras, entre porta-bandeiras e estandartes, transitando em meio a toda a corporação, performando similarmente à ginástica rítmica, trazendo para as apresentações públicas graça e beleza associada a um modelo de feminilidade. Já os homens mores estão localizados à frente da corporação musical, com atribuição de conduzi-la com um bastão, comandar os movimentos dos músicos e executar sua regência.

Esses corpos performáticos são homens, na sua maioria negros, e as fanfarras, oriundas de escolas públicas. Dependendo da política interna de cada fanfarra, eles podem circular sem demarcações ou limites. Trajando roupas de espetáculos, justas ao corpo, exageradas ao brilho, com leves atenuantes sexuais e incontáveis adereços cênicos, essas performances tendem a tensionar modelos vigentes de masculinidades por meio do espetáculo de rua, entre público e instituições tradicionais, com coreografias inusitadas e com atenuantes sensuais, usando figurinos andróginos, com performances que desafiam a lógica comportamental generificada e racializada vigente (FAUSTINO, 2014, p. 91).

Devido a isso, além das funções proferidas acima, outra representação é atribuída aos balizas e mores de fanfarras: o de protagonismo no cortejo cívico. O aparente sentimento é de retribuição à concessão social oferecida para *fechar*³ - quase que plenamente - naquele momento, temporariamente. Essas performances já se tornaram inusitadamente populares e já são uma grande expectativa para o público. A alegria da atuação provoca aplausos espontâneos constantes, sendo largamente ovacionada em determinados blocos do evento. Nota-se que a apresentação desses sujeitos é o momento de mais interatividade e troca de significados, até então, não compreendidos.

A partir desse contexto, este ensaio etnográfico pretende inicialmente compreender os tensionamentos dispostos nas performances dos balizas e mores de fanfarras, levando em conta os elementos raça, gênero e sexualidade, tudo isso implodindo no imaginário do civismo. Nada nos garante que falamos dos mesmos sujeitos - os que aplaudem e os que “se afastam” - destes corpos controversos, mas podemos afirmar que a tolerância mixada à sedução causada por estes corpos problematizam a masculinidade e as normas heterossexuais de composição e agenciamento destes. Estas controvérsias estão nos desfiles, onde há a expectativa criada em torno dessas apresentações que trazem a irreverência, elegância e esplendor, mas ao mesmo tempo provoca descontento e desajustes.

³Termo utilizado por um homem negro baliza no documentário “Balizas Encenam” de 2010. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social da UFRB de Caio Barbosa e Tamires Peixoto, orientado pela Profa. Leila Nogueira.

Partindo de todo esse arcabouço de ideias, conceitos e pressupostos para análise social, trarei as primeiras descrições etnográficas do universo de homens e mores de fanfarra nos desfiles cívicos na cidade de São Félix/Ba. Pretendo perceber como se dão as relações sociais entre os sujeitos, estabelecendo uma rede de contatos, e o momento da performance e espetáculo de rua propriamente dito. Ao final, tratando de breves descrições etnográficas, em conformidade com a intenção inicial desse ensaio, suscitaremos mais questões do que respostas.

2. DESCRIÇÕES DE CAMPO: AS PRIMEIRAS PERCEPÇÕES – DESFILE CÍVICO 02 DE JULHO. SÃO FÉLIX, 02 DE JULHO DE 2017.

2.1 Notas Sobre a Etnografia da Adolescência

Sou um jovem homem negro gay e de interior, com vinte e quatro anos de idade. Na minha adolescência participei da FANJ – Fanfarra do Colégio Estadual João Batista Pereira Fraga em Muritiba/Ba, a fanfarra da cidade. Mesmo ainda sendo afeminado (ainda em processo de descoberta em relação à minha sexualidade), era um garoto negro alto e robusto, portando, a direção da fanfarra precisava me aproveitar na função que correspondesse à lógica expectativada aos arquétipos do homem negro.

Na época, lembro-me que ao conversar com o regente, expressei o desejo de fazer parte da comissão de frente da fanfarra, perto das balizas e mores, porém tocando bumbo: o maior instrumento do acervo musical, conhecido por ser utilizado por adolescentes aparentemente viris, como eu. Tornei-me, então, o novo tocador de bumbo!

Durante os ensaios, minha função na fanfarra era motivo de cobranças e vigilâncias entre os membros, principalmente os músicos. Diziam que “*meu lugar não era ali, era com as balizas!*”. Confesso que me sentia feliz tocando bumbo, conseguia me inserir num universo masculino muito caro no cotidiano escolar, sentia um breve gosto de ser “homem”, entretanto, ficar entre as balizas era um desejo real, porém irrealizável. Permaneci na FANJ durante quatro anos até que o curso superior me afastou gradativamente da fanfarra.

2.2 Sobre a Chegada e Métodos Iniciais

Cheguei ao campo com breve tempo de antecedência, no começo da tarde ensolarada de dois de julho de dois mil e dezessete em São Félix no Recôncavo da Bahia. Percorri todo o trajeto do desfile no sentido contrário, a fim de chegar ao ponto de concentração das fanfarras e escolas. Trajava roupas arrojadas, uma pequena *caderneta de campo*, uma bolsa de alça preta atravessada ao corpo e fone de ouvido para compor a indumentária. O objetivo era remeter minha imagem à de algum membro da produção do desfile, tentando, assim, facilitar e credibilizar meu trânsito entre a concentração das fanfarras. Este é um recurso estratégico de campo que pretendo aderir nas outras pesquisas em lócus. Talvez também usarei uma máquina fotográfica semi-profissional, pois consegui perceber que fotógrafos que ostentam seus equipamentos são tidos como “úteis” no trânsito das organizações dos desfiles. O equipamento e, mais especificamente, a máquina fotográfica, servirão como uma espécie de credencial de livre acesso. Estas são estratégias e recursos em que só consegui pensar graças à minha inserção prévia ao campo, por isso destaco a importância desta iniciativa - principalmente para os trabalhos etnográficos sobre ritos, celebrações e espetáculos.

2.3 A *Churria* do Etnógrafo

Durante o caminho percorrido na rua, um grupo com componentes defanfarra passou num ônibus escolar ao meu lado. Enquanto conversava com outros amigos gays que estavam organizando um pelotão escolar, logo fui recebido por esses membros da fanfarra com gritos, vaias e gargalhadas: as “*churrias*”, termo comumente usado entre pessoas dissidentes, como código lingüístico adaptado ao tempo, conhecidas como “*bajubá*”⁴. As *churrias*, nesse contexto, são usadas para denunciar e demarcar a presença de figuras de conduta corpórea estranha: os “*viados*”, termo amplamente dito durante os diálogos e tratamentos dos sujeitos quanto ao público.

O interessante é que, mesmo antes de encontraros *balizas*, *balizadores*, *mores*, *homens dos estandartes e dançarinos do balé coreográfico* (nomenclaturas que foram surgindo nas conversas com os sujeitos pesquisados), fui identificado como desviante ou *viado* pelos homens músicos de uma dessas fanfarras, isso manifestado através das “*churrias*”. A partir dessas duas categorias, *churrias* e *viados*, pretendo lançar uma reflexão teórica e entender a operacionalização desses termos, tanto concernentes às performatividades masculinas cotidianas quanto nos desfiles. Porém, o farei nas considerações finais do ensaio.

2.4 Sobre o Primeiro Contato

Ao chegar ao ponto de concentração das fanfarras, quase vazio, notei a presença fardada de membros dispersos da FANCF – Fanfarra de Conceição da Feira/Ba, uma pequena cidade interiorana do Recôncavo da Bahia, próxima a São Félix/Ba. Logo procurei me aproximar dos membros, notando a presença de um homem negro vestido com roupa justa ao corpo e brilhosa, sem a menor preocupação de postura rígida e marcando sensualmente o volume de seus genitais, além de outros homens ao seu redor, também com figurinos exuberantes. São *balizas* e *mores*!

Porém, confesso que o sentimento de vergonha, provocado pelo fato de ser minha primeira vez como etnográfico em campo, acabou dificultando esse primeiro contato. Tive receio de atrapalhar a dinâmica de interação entre eles. Esperei! Aproveitei esse momento de espera do encorajamento e circulei pelo espaço da concentração, a fim de visualizar outros *balizas* e *mores*.

Nesta circulação, pude perceber o clima de rivalidade e competição entre as fanfarras, devido à não interação entre os membros e as demarcações de locais distintos onde ocupavam no espaço de concentração, como se existissem determinados círculos geográficos que pertencem a determinadas fanfarras na concentração, mas que todas essas partes se integrassem de forma sectária durante o desfile, formando os pelotões.

2.5 Diante da Chefia do Baliza

Nessa breve circulação, percebo, de longe, que a FANCERG - Fanfarra do Colégio Estadual Rômulo Galvão, escola estadual de São Félix/Ba, instituição situada numa localidade periférica de maioria negra da cidade – com a qual eu já tive contato na experiência do ensaio - estava concentrada na lateral de um pequeno campo de futebol aberto, em frente ao cemitério municipal.

⁴ LAU, Hélio Diego. A (des)informação do *bajubá*: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade. Ano XI, n. 02 - Fevereiro/2015 - NAMID/UFPB <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>

Os músicos – compostos por alunos da escola - estavam dispersos, mas o balé coreográfico (composto pelas meninas alunas da escola e algumas crianças, certamente parentes das balizas mulheres) estava ensaiando e mostravam-se de forma organizada, diferentemente dos meninos músicos. Isso se deve por Jade - o nome do baliza desta fanfarra - está liderando toda a turma, mantendo com muito esforço os meninos músicos o mais próximo possível a ele e, ao mesmo tempo, advertindo sobre coreografias das meninas balizas. Jade está acompanhado de outro baliza, um jovem homem negro, magro e sem problema em usar suas roupas também justas, curtas, brilhantes e sensuais. Este outro baliza não exerce a mesma autoridade de Jade, mas parece ser aliado, companheiro e auxiliar deste na organização da fanfarra.

Percebo que Jade exerce uma autoridade rigorosa sobre as meninas e faz uma tentativa de autoridade com os meninos, mas a resposta deles é menos intensa. É importante ressaltar que a autoridade é exercida e todos ouvem suas ordens, porém as meninas balizas e pelotão coreográfico absorvem de uma forma e os homens, os jovens músicos, absorvem de forma diferente.

As meninas tendem a ser mais cautelosas e obedientes, já os meninos músicos ouvem, riem entre eles sobre as ordens e a forma com que Jade impõe essa autoridade (sempre gesticulando expressivamente). Esses meninos músicos dispersam brevemente para tentar disfarçar o constrangimento da advertência de Jade, mas se mantém fixos na área solicitada, onde os olhos de Jade consigam visualizá-los. Eu pergunto ao Jade onde está Aramis - o regente responsável pela fanfarra que já havia contactado no ensaio que visitei anteriormente -, e ele me diz que chegará mais tarde, pois está saindo do trabalho.

Nesse momento, Jade interrompe a conversa e adverte as meninas sobre a coreografia, com o final da frase “[...] depois não digam que Jade é estressado, que Jade é isso, que Jade é aquilo!”. A imposição de sua autoridade é constante. Ele controla as meninas e os meninos músicos, até Aramis chegar, reafirmando a suposta parceria percebida por mim no ensaio, referente as responsabilidades da fanfarra divididas entre Aramis e Jade, o primeiro com maior rigor e autoridade sobre os meninos e o segundo, sobre as meninas.

2.6 Em Frente ao Palco dos Políticos

Durante o espetáculo do desfile, me posicionei frente ao palco dos políticos, pois é nesse local em que acontecem os momentos de evolução das fanfarras e das escolas. Fixei-me ali com orientação treinada, pretendendo perceber as reações das autoridades políticas, como prefeitos, vereadores, secretários e militares, frente às performances de androginia exacerbada dos homens negros balizas. É quase uma redundância falar em homens negros balizas, pois nesse desfile todos os balizas e mores são negros. Posso deduzir que, pelo fato de as fanfarras serem de escola pública, elas acolhem a maioria dos jovens pobres e periféricos - neles estão os balizas e mores, bem como as meninas balizas, jovens músicos e toda a equipe. As fanfarras de escola pública do interior têm a maioria de seus componentes negros, pelo que pude perceber nesse desfile cívico, em específico. A inquietação é saber por qual motivo esses homens negros escolheram ser balizas e mores de fanfarra e de que forma essa expressão não convencional da masculinidade está calcada sobre a raça.

2.7 Será que esse ano terá muito viado? - Os Primeiros Conflitos Gerados na Expectativa Pública

Posicionado, percebi que a expectativa pela chegada dos balizas é quase unânime; porém, há controvérsias. Perto do palco dos políticos, percebo as falas soltas durante as conversas do público que aguarda os balizas. Uma mulher ao meu lado olhava insistentemente para o horizonte onde o desfile apontaria e fala em voz alta com a amiga “*será que esse ano terá muito viado?*”. Logo, pensei no que essa pergunta poderá causar na pesquisa. Estaria a cada ano os homens balizas e mores esvaziando-se dos desfiles cívicos? Por qual motivo? Influência de qual ordem?

Quando apontam as fanfarras sem homens balizas e mores, o público tende a aplaudir pouco, não mostra muita euforia, exceto algumas pessoas que fazem questão de destacar seus aplausos nas fanfarras ausentes de homens balizas e mores, como se, para elas, fosse necessário valorizar a rigidez dos desfiles, demarcando, assim, sua posição contrária as performances desses sujeitos. Por meio dos aplausos, percebo as disputas e primeiros conflitos gerados em torno da expectativa dos balizas e mores. Com isso, já consigo estabelecer critérios perceptivos para futuras coletas de informação com o público.

2.8 Mores: Entre a Sutil Extravagância e a Fechação

De longe, aponta o primeiro pelotão cívico, cumprindo o protocolo do desfile, com as forças militares. Logo após, há a chegada das fanfarras com seus balizas, porta-bandeira, estandartes e pelotões coreográficos. No meu pequeno celular, não consigo uma fotografia de qualidade. Infelizmente, devido à minha posição - contra a luz do sol - e à baixa qualidade da câmera do aparelho as fotografias não saíram tão boas.

A medida que vão se apresentando os mores, percebo que, por mais que exijam um enrijecimento na postura corporal durante a desenvoltura da apresentação, há sempre uma *sutil extravagância* que acabam denunciando atenuantes feminilizados nas performances, como se estivessem tentando uma conciliação entre o rígido e fluído, entre a seriedade e a *fechação*. Estes exercem o mais próximo da função esperada de um mór: posse do bastão, circulação, ordenação dos músicos e organização da fanfarra durante o cortejo.

Porém, também já se apresentam mores de performance corpórea subversiva, desprendidos das funções tradicionais de postura rígida, assemelhando-se à desenvoltura do baliza. Basicamente, há momentos de certa confusão nos papéis desenvolvidos pelos balizas e mores, a ponto dos papéis de ambos, em algumas fanfarras, serem unificados: *fechar* quase que plenamente.

Nesse sentido, eu posso destacar duas fanfarras com a presença desses dois perfis de mores: A Fanfarra de Capoeira, distrito de Cachoeira/Ba, com um mór de *sutil extravagância*, e FANJ – Fanfarra do Colégio Estadual João Batista Pereira Fraga de Muritiba, da postura subversiva, como mescla de *balizas-mores da fechação*.

2.9 “Desfile Cívico não é Parada Gay!”

Quase ao entardecer, me fixo no local principal de concentração de público ao final do cortejo - na Praça do Paço Municipal em São Félix, onde acontecem os desvios dos pelotões escolares e as fanfarras retornam ao percurso para se apresentarem na “*evolução musical*”, momento da desenvoltura artística máxima entre todos os componentes de fanfarra.

Do meu lado, em um dos intervalos de uma das fanfarras, iniciei uma conversa com alguém. Era um homem negro, atento as apresentações, cujo meu pré-conhecimento do campo o faz identificar como Jorge: gay e organizador do desfile cívico de Muritiba/Ba. Pergunto se ele gosta dos homens balizas nas fanfarras, me referindo a “*viados de fanfarra*”, como os tratam no campo. Relutante, Jorge diz: “*Desfile Cívico não é Parada Gay!*”, defendendo a celebração como espaço das “*famílias*”. Já os “*viados*”, referindo-se à grande parcela que não respeitam essa configuração espacial familiar.

Percebe-se que grande parcela do público presente apreciando os desfiles cívicos são partes de eixo familiar tradicional: pais, mães, avós, filhos, netos, primos, sobrinhos e etc. Em todo o contexto dos desfiles cívicos, desde os ensaios às apresentações públicas, percebo que os papéis dos balizas e mores de fanfarra, ao mesmo tempo de irreverência, funcionam para tensionar a lógica da heteronormatividade. Isso perpassa pela estética, através de seus figurinos, pela ótica da performance, através da *fechação*, mas também nas regras e ordens forjadas de valores morais, aqui expressos na categoria “*família*”, a partir do momento que essas performances têm a capacidade de provocação dessa ordem normativa.

Remeter o desfile cívico à Parada do Orgulho LGBT causa muitos elos para reflexões: ambas são manifestações públicas anuais, com ideais de valorização e defesa de um discurso. Os desfiles cívicos militares expõem gloriosamente as instituições máximas de ordem e controle social do Estado, e as famílias são estimuladas a reunir-se para glorificar todo esse ritual, e mesmo que a cada ano persistam as pequenas rupturas e desajustes a esse modelo, o desfile cívico mantém um papel de tentativa da readequação da ordem. O que seria o ritual dos desfiles cívicos, senão a *celebração da heteronormatividade*, camuflada através da exaltação pública do civismo, também performático?

Um dos embasamentos empíricos dessa premissa está na fala do jovem Kelvin - jovem homem negro e aparentemente apreciador das performances de balizas - após o comentário de Jorge, quando avistamos o carro da Cabocla e do Caboclo - bens materiais repletos de significados para a história do 02 de Julho em São Félix - rodeados por autoridades políticas, trajando roupas altamente formais, ternos de tons escuros, entre seriedade e simpatia. Nesse momento Kelvin enfatiza em voz alta “*Lá vem os viados encubados, agora!*”.

De imediato, presumo que cada um desses lados antagônicos - jovens homens negros e Estado -, mesmo que involuntariamente, tem papeis de contraposição de ordens, de formas de experimentar as vidas e, sobretudo, estratégias complexas de reelaboração de masculinidades do homem negro, ambas calcadas nas performances que espetacularizam, temporariamente, os fenômenos da macro esfera social.

3. CONCLUSÕES OU PROBLEMATIZAÇÕES INICIAIS

Com as percepções iniciais de campo no universo dos homens negros balizas e mores, observando a preparação, a organização e dedicação dos membros das fanfarras, a expectativa do público que espera o desfile cívico, as reações públicas que valorizam ou desagradam sobre as performances dos balizas e mores, as composições performáticas usadas referentes as indumentárias sensuais, uso de brilhos e uma performance exacerbadamente feminina, tudo isso implodido numa celebração cívica de rua, pretendo analisar tais fenômenos sociais no aspecto da Cultura.

Para isso, envolvo teorias acerca de performances como tentativas de ruptura a ordens estabelecidas pelos rituais (TURNER, 1993), das performances de gênero (BUTLER, 2003), das masculinidades negras e estigmas de raça (FAUSTINO, 2014; FANON, 2008) e na dinâmica complexa da interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), presente do conjunto de práticas e representações (BOURDIEU, 1974), usando da ferramenta da pesquisa etnográfica, em busca de significados aparentemente incompreendidos na superfície (GEERTZ, 2008).

Há uma categoria cara da pesquisa: “*temporário*” - quando sugiro que essas performances podem perverter normas heterossexuais e alterar, temporariamente, essas normas. As tensões e conflitos se expressam durante o desfile de forma temporária, a ponto de reverter ojerizas sociais dos desajustes heteronormativos para a valorização momentânea, através dos aplausos e expectativas, quando os balizas e mores passeiam no cortejo. As ressignificações causadas por essas concessões tornam os balizas e mores apenas aparições efêmeras de um espetáculo que tem o poder de (re)ver a “*fechação*”, não por indivíduos supostamente gays na vida cotidiana, mas sim, na rua, por meio da expressão cultural do espetáculo.

Esse fenômeno enxerga socialmente os balizas e mores como representações de divindades na materialidade temporária do corpo performático, gestual e desenvoltura artística de rua, mixando outra noção de realidade sobre esses homens negros, contido nos desfiles cívicos. A *coisa* do homem negro subverte normas heterossexuais utilizando-se da plataforma da arte e faz com que a *fechação* e androginia por desvios de comportamentos do homem hegemônico - principalmente por quebras da hiperviralização do homem negro- inspirem no público culto a um estado de homem não-real, do homem negro alegórico, espetacular, personagem inventado, não-humano-artístico, através das performances. Quando findado o desfile, esses homens negros desaparecem deste plano imagético e passam a enfrentar os obstáculos e violências cotidianas em seus espaços de convívio social, como instituições escolares e familiares. Passam de *viados de fanfarras* a simplesmente *viados*.

Há muito trabalho a ser feito.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Caio e PEIXOTO, Tamires. Matéria Jornalística “Balizas Encenam”. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UFRB. 2010.

BUTLER, Judith. 1990. *Feminism and the Subversion of Identity*. London: Routledge: Chapman & Hall, Inc.

CARVALHO, J. M. de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: companhia das Letras, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento Para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. In: (Revista ou Anais), 2002, p. 171-188.

DUARTE, Alexandre Ambiel Barros Gil, and Celso Vianna Bezerra de Menezes. "Antropologia da Performance: a liminaridade e as contradições do social." *movimento* 2005 (1974): 2008.

FOUCAULT, Michel. 1996. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola.

PEIRANO, Mariza (org.). *O Dito e o Feito. Ensaios de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro:

RelumeDumará/NuAP. 2001.

FANON, Frantz. Peles Negras, Máscaras Brancas. Salvador. EDUFBA. 2008.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A Interpretação das Culturas. 1ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.3-21.

MALINOWSKI, Bronislaw. Coral Gardens and the Magic. Londres: George Allen & Unwin, 1935.

TURNER, Victor. 1982c. "Liminal to Liminoid, in Play, Flow, Ritual: An Essay in Comparative Symbolology". In TURNER, Victor. From Ritual to Theatre: The Human Seriousness of Play. New York: PAJ Publications.

FAUSTINO, Deivison Nkosi. O pênis sem falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidade e racismo. Feminismos e masculinidades. Eva Alterman Blay (org.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.